

2

O personalismo de Emmanuel Mounier: contribuições ao cristianismo

2.1

Elementos cristãos da filosofia personalista

A base deste capítulo será fundamentada na principal obra do filósofo católico Emmanuel Mounier, *O personalismo*¹, que nos oferece uma análise detalhada dos processos que envolvem paulatinamente a construção – mais do que um sistema – de uma postura individualista. Através de sua proposta personalista avalia criticamente a postura individualista apresentando seus danos, do ponto de vista individual e coletivo.

O personalismo consiste precisamente nisso: numa oposição ao individualismo. Enquanto este último mantém o homem centrado sobre si mesmo, a primeira preocupação do personalismo é descentrá-lo para colocá-lo nas largas perspectivas abertas pela pessoa.²

A pessoa, segundo o personalismo, surge como uma presença voltada para o mundo e para as outras, sem limites, misturadas com elas numa perspectiva comunitária. As outras pessoas não a limitam, fazem-na ser e crescer. Não existe senão para os outros, não se conhece senão pelos outros, não se encontra senão nos outros. A experiência primitiva da pessoa é a experiência da segunda pessoa. A pessoa, no movimento que a faz ser, expõe-se; por isso, é por natureza, comunicável. Para Emmanuel Mounier, aquele que se encerra no seu eu nunca encontrará o caminho para os outros. Em sua concepção, só existimos na medida em que existimos para os outros. Toda e qualquer pessoa é, desde suas origens, movimento para os outros, em suas palavras “ser para”.³ Na avaliação do psicanalista Erich Fromm em sua obra intitulada *A Arte de amar*⁴, a realização do ser humano dar-se-á através do que ele chama de unidade interpessoal, da

¹ MOUNIER, E. *O personalismo*. São Paulo: Centauro Editora, 2004.

² MOUNIER, E. *O personalismo*. op. cit., p. 45.

³ Ibid., p. 57.

⁴ FROMM, E. *A arte de amar*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1964.

interação e integração com outra pessoa. Segundo Fromm, o desejo da relação interpessoal é o mais poderoso anseio do ser humano. É o que proporciona a conservação da raça humana, clã ou família, e sem ela – fundamenta – a realização do humano vê-se frustrada.⁵ A existência humana não se faz legítima quando não há a experiência relacional e o interesse no bem estar holístico do outro.

Acreditamos que a abordagem de Mounier relativa ao conceito de pessoa, em função de sua ênfase comunitária, possa nos ajudar a traçar um paralelo com as orientações básicas do cristianismo, do ponto de vista comunitário e da singularidade da pessoa. O autor mesmo realiza esta conexão, na medida em que aponta o cristianismo como o arauto de uma noção decisiva de pessoa.⁶

Parte de sua abordagem apresenta-se como tipicamente cristã.⁷ Como exemplo, podemos tomar a referência que faz a Deus.⁸ Estruturando parte de seu pensamento personalista, lembra-nos o fato de que a humanidade não vive sob a tirania abstrata de um “Destino”, de uma constelação de idéias ou de um Pensamento Impessoal, indiferente a destinos individuais, mas um Deus que é ele próprio pessoal⁹, embora de um modo eminente, um Deus que “entregou a sua pessoa” para assumir a transfiguração humana, e que propõe a cada pessoa uma relação única em intimidade, uma participação na sua divindade; um Deus que não se afirma, como pensou o ateísmo moderno¹⁰, sobre coisas arrancadas ao

⁵ FROMM, E. *A arte de amar*. op. cit., p.34.

⁶ MOUNIER, E. *O personalismo*. op. cit., p.18.

⁷ Mounier se assume como um filósofo que está entre aqueles confessam a Cristo e que nele acham o próprio sentido e a força de seu conagraçamento. Cf. MOIX, C. *O Pensamento de Emmanuel Mounier*. op. cit., p.98.

⁸ Deus para Mounier é o Ser supremo, que por amor nos fez existir, não conferindo unidade ao mundo através da abstração de uma idéia, mas através de uma infinita capacidade para multiplicar indefinidamente esses atos de amor únicos. Cf. MOUNIER, E. *O personalismo*. op. cit., p. 18.

⁹ Conforme também Fábio Konder Comparato. Defende Comparato que, segundo o próprio texto bíblico, Deus não é um princípio indeterminado e impessoal, como o “primeiro motor” na filosofia de Aristóteles, mas uma pessoa que mantém com os homens, por ele criados, uma relação pessoal. Trata-se de um Deus que transcende o mundo por ele criado, mas está, ao mesmo tempo, sempre presente e atuante, pelo diálogo pessoal e pela ação, na história da humanidade. Cf. COMPARATO, F. K. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, pp. 445-447.

¹⁰ Mounier, aqui, faz referência aos pensadores Bakounine e Feuerbach. Cf. MOUNIER, E. *O personalismo*. op. cit., p. 19.

homem, mas que antes lhe outorga uma liberdade análoga à sua, pagando-lhe em generosidade o que em generosidade for dado.¹¹

Por isso defende Mounier: “Ao movimento de liberdade o homem é livremente chamado”. A liberdade é constitutiva da existência criada. Deus teria podido criar num momento uma criatura tão perfeita quanto o pudesse ser. Mas preferiu que fosse o homem chamado a amadurecer livremente a sua humanidade. O direito de pecar, ou seja, de recusar o seu destino, é essencial ao pleno uso da liberdade.¹²

Em sua outra obra *Manifesto ao serviço do personalismo*¹³, Mounier apresenta a liberdade da pessoa como a liberdade de descobrir por si mesma a sua vocação e de adotar livremente os meios de realizá-la. Não consiste numa liberdade de abstenção, mas uma liberdade de assunção.¹⁴

A liberdade da pessoa é necessariamente adesão. Todavia, para Mounier, essa adesão somente é propriamente pessoal a partir do momento em que seja um compromisso consentido e renovado com uma vida espiritual libertadora e não a simples aderência obtida à força.¹⁵

Esse absoluto pessoal, conforme nos apresenta o filósofo, não isola o homem, nem do mundo, nem dos outros homens. A Encarnação confirma a unidade da terra e do céu, da carne e do espírito, confirma o valor redentor da obra humana logo que assumida pela graça. Assim, pela primeira vez, a unidade do gênero humano foi plenamente afirmada e duas vezes confirmada. Vejamos:

Cada pessoa é criada à imagem de Deus¹⁶, cada pessoa é chamada para formar um imenso Corpo místico e carnal na Caridade de Cristo. Começa a

¹¹ Cf. MOUNIER, E. *O personalismo*. op. cit., p. 19.

¹² Cf. *Ibid.*

¹³ MOUNIER, E. *Manifesto ao serviço do personalismo*. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1967.

¹⁴ *Ibid.*, pp. 102, 103.

¹⁵ *Ibid.*, p. 103.

¹⁶ Atentemos para o que nos é lembrado através da expressão “à semelhança de Deus”. Na concepção do teólogo Jürgen Moltmann semelhança de Deus significa, em primeiro lugar, a relação de Deus para com a pessoa e somente então, a partir disso, a relação da pessoa para com Deus. Lembra-nos ainda o teólogo que Deus se coloca num tal relacionamento para com a pessoa que essa se torna a sua imagem e a sua honra na terra. O ser da pessoa brota dessa relação de Deus para com a pessoa e consiste nessa relação. O ser humano como imagem de Deus, não pode,

tomar sentido uma história coletiva da humanidade, de que os gregos não tinham sequer idéia. A própria concepção da Trindade, que alimentou dois séculos de debates, traz consigo a idéia surpreendente de um Ser Supremo no qual intimamente dialogam pessoas diferentes, de um Ser que é já, por Si próprio, negação da solidão.¹⁷

A esse respeito as contribuições de Leonardo Boff, em sua obra *Trindade e Sociedade*¹⁸, nos auxiliarão apontando sistematicamente que Deus, Uno e Trino, consiste precisamente em um convite à experiência comunitária.

Por sua própria dinâmica interna, as três divinas Pessoas se efundem para fora, criando outros diferentes – criação cósmica e humana – para que se tornem o receptáculo da infinita transfusão do amor comunicativo de Deus e do oceano sem limites da vida trinitária.¹⁹

Esta unidade trinitária é integradora e inclusiva. Ela se destina à plena glorificação de toda a criação no Deus trino, sanando o que está doente, libertando o que está cativo, perdoadando o que está ofendendo a comunhão divina. Esta integração trinitária deve se mostrar já agora na história, na medida em que se superam as rupturas da comunidade (conforme Gl 3.28: judeus e pagãos, gregos ou bárbaros, escravos e patrões, homens e mulheres; e Rm 10.12) e se instaura a economia do dom, atendendo às necessidades (At 4.31-35) numa comunidade onde haja “um só coração e uma só alma” (At 4.32).²⁰

segundo a avaliação do teólogo, viver isoladamente, mas somente em comunhão humana. Por isso defende: “a pessoa é, desde o início, um ser social. A pessoa foi feita para viver em comunhão humana e essencialmente precisa de ajuda” (Gn 2.18). Como fundamenta Moltman, a pessoa é um ser sociável e desenvolve sua personalidade somente na comunhão com outras pessoas. Consequentemente, ela somente pode ser em relação a si mesma, se e na medida em que outras pessoas se relacionam com ela. O indivíduo isolado e o sujeito solitário são formas deficientes do ser-pessoa, porque eles perdem a semelhança de Deus. Cf. MOLTSMANN, J. *Deus na criação: doutrina ecológica da criação*. Petrópolis: Vozes, 1993, pp. 318, 321.

¹⁷Mounier nos lembra que essa visão era demasiado nova, demasiado radical, para produzir imediatamente todos os seus frutos. Por isso, em sua concepção, essa visão serviu como fermento da história de seu início ao fim. Durante toda a época medieval permaneceram presentes uma série de elementos ideológicos da Antiguidade grega. Foram precisos vários séculos para se passar da reabilitação espiritual do escravo à sua efetiva libertação. Cf. MOUNIER, E. *O personalismo*. op.cit., p. 20.

¹⁸BOFF, L. *A trindade e a Sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1987.

¹⁹Ibid., p. 185.

²⁰BOFF, L. *A trindade e a Sociedade*. op. cit., pp. 185,186.

A esse respeito, nos auxilia também o teólogo alemão Jürgen Moltmann. Segundo ele, a doutrina trinitária se apresenta como a melhor possibilidade de compreensão em relação a Deus, a qual descobre no próprio Deus os seguintes aspectos: a diferença e a unidade, e a unidade da diferença. Por isso, apresenta o Deus que em si mesmo é rico em relacionamento e é um Deus comunitário.²¹

O análogo da semelhança de Deus está na relação diferenciada, na diferença rica em relações, a qual no Deus uno e trino constitui a vida eterna do Pai, do Filho e do Espírito, e que determina nas pessoas a vida temporal de homens e mulheres, de pais, mães e crianças. Essa comunhão aberta de vida social de pessoas é a forma de vida que corresponde à comunhão divina. Assim, o conceito trinitário de comunhão está em condições de superar não apenas o eu-solidão do narciso, mas também o egoísmo do par homem-mulher.²²

O personalismo conta entre as suas idéias-chave a afirmação da unidade da humanidade no espaço e no tempo, idéia afirmada pela tradição judaico-cristã. Nos lembra Mounier, que para o cristão não há nem cidadão nem bárbaro, nem senhor nem escravo, nem judeus nem pagãos, nem brancos, nem negros, nem amarelos, mas todos são homens criados à imagem de Deus e todos chamados à salvação em Jesus Cristo.²³ Mounier defende a idéia de um gênero humano com uma história e destinos coletivos, de onde, segundo ele, não pode ser separado nenhum destino individual.²⁴

2.2

Crise do cristianismo

Já em meados do século XX, Emmanuel Mounier chamava a atenção para um tema que, contemporaneamente, temos discutido recorrentemente: os elementos que configuravam a suposta crise que o cristianismo passava. Nos alertava que, em sua avaliação, parecia que o cristianismo ainda não havia realizado com o

²¹MOLTMANN, J. *Deus na criação*. op. cit., p. 322.

²²Ibid.

²³MOUNIER, E. *O personalismo*. op. cit., p. 55.

²⁴Mounier opõe-se a todas as formas de racismos ou castas, às eliminações dos anormais, ao desprezo pelo estrangeiro, à totalitária negação do adversário político, numa palavra e em geral, à constituição de homens à parte. Segundo ele, um homem, mesmo diferente, mesmo degradado, é sempre um homem,, a quem devemos permitir que viva como um homem. Cf. Ibid.

mundo moderno a união conseguida com o mundo medieval. Perguntava então: “Estará a atingir o seu fim? Não será este divórcio prova evidente?”²⁵

Tais questionamentos, coincidentemente, parecem ir ao encontro das palavras de Joseph Moingt em sua obra *Dios que viene al hombre*. Para Moingt, diante dos olhos da cultura ocidental, “Deus parece ter mais passado do que futuro, um futuro completamente diferente do que foi seu passado no seio da religião”.²⁶

Conforme Moingt, Mounier chega à mesma conclusão. Através de uma avaliação mais profunda e apurada, o filósofo personalista é levado a concluir que essa crise não é o fim do cristianismo em si, mas o fim de uma cristandade, de um corrompido regime do mundo cristão que rompe suas amarras e parte à deriva deixando atrás de si os pioneiros de uma nova cristandade.²⁷

Para Mounier, a crise do cristianismo não é somente uma crise histórica da cristandade, é uma crise de valores religiosos num mundo neutro. A filosofia iluminista julgava-os artificialmente suscitados e acreditava na sua próxima desaparecimento. Durante um certo tempo alimentou esta ilusão com a ascensão do entusiasmo científico. Contudo, nos lembra Mounier, o século XX nos demonstrou que mesmo quando desaparecem no seu aspecto cristão, as formas religiosas reaparecem sob outros quaisquer dados: através da divinização do corpo, da coletividade, da Espécie, de um Chefe, de um Partido etc.²⁸

2.3

Caracterização do individualismo

²⁵ MOUNIER, E. *O personalismo*. op. cit., p. 138.

²⁶ Moingt salienta que não foram os ataques dos filósofos iluministas à religião ou à idéia de Deus que colocaram o cristianismo em perigo, mas uma nova episteme, uma nova regulação dos saberes, novos critérios de verdade, um novo modo de ver o universo, a história, a sociedade, uma nova organização da sociedade em função da emancipação dos indivíduos. Cf. MOINGT, J. *Dios que viene al hombre: del duelo al desvelamiento de Dios*. Salamanca: Sígueme, 2007, p. 103. Ver também PALÁCIO, C. Novos paradigmas ou fim de uma era teológica? In: ANJOS, M. F. (org.) op. cit. pp. 77-83.

²⁷ MOUNIER, E. *O personalismo*. op. cit., p. 138.

²⁸ MOUNIER, E. *O personalismo*. op. cit., p. 138.

Segundo Emmanuel Mounier, a Revolução Francesa marca uma fase importante da libertação política e social, embora limitada pelo seu contexto individualista. Desde essa ocasião, um quase fatalismo se desenvolve da seguinte maneira: o individualismo encontra terreno favorável na fase conquistadora do capitalismo e desenvolve-se rapidamente. Assim, o Estado liberal cristaliza-o nos seus códigos e nas suas instituições e lança a condição concreta das massas urbanas na escravidão social, econômica e, rapidamente, política.²⁹

Através desta dinâmica, são fomentadas as paixões do indivíduo, percorrendo todas as gamas da afetividade, mas, arrastando o indivíduo para o isolamento, não lhe permitindo a escolha senão entre a solidão desesperada e a dispersão do desejo. Recuando perante essas novas angústias e temendo as imprudências do desejo, o mundo do pequeno burguês recalca o indivíduo por detrás de uma aparência de medíocres satisfações: instaura o reino individualista cauteloso.³⁰

Emmanuel Mounier nos lembra, no capítulo segundo de sua obra *O personalismo*, que desde o princípio da história, são mais os dias consagrados à guerra do que os consagrados à paz.³¹ Para ele, a vida em sociedade tem sido uma permanente guerrilha. Em suas próprias palavras:

Onde a hostilidade cessa, começa a indiferença. Os caminhos da camaradagem, da amizade ou do amor parecem perdidos nos imensos revezes da fraternidade humana. Cada um de nós tem sido, necessariamente, ou um tirano, ou um escravo. O olhar dos outros rouba-me o meu universo, a presença dos outros detém a minha liberdade, a sua escolha paralisa-me. O amor é uma infecção mútua, um inferno.³²

Reconhece o filósofo que tais declarações evocam um importante aspecto das relações humanas. E como ele mesmo salienta: “O mundo dos outros não é um

²⁹ *Ibid.*, p. 23.

³⁰ *Ibid.*

³¹ Interessante observar que ainda hoje, através de autores como o filósofo europeu Gianni Vattimo, podemos verificar a mesma afirmação. Nos lembra Vattimo que atualmente ainda se faz guerra para erradicar a guerra. Trata-se da idéia de que com a violência se possa finalmente pôr fim à violência, alegando-se que todas as guerras são sempre as últimas. Cf. VATTIMO, G. *Depois da cristandade: por um cristianismo não religioso*. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Record, 2004, p. 141.

³² MOUNIER, E. *O personalismo*. op. cit., p. 43.

jardim de delícias.³³ É permanente provocação à luta, à adaptação, e incita-nos a ir mais além”.³⁴ O mundo dos outros constantemente nos oferece a possibilidade do risco e do sofrimento, inclusive quando esperamos que nos ofereça a paz. Por isso, nosso instinto de auto-defesa reage recusando o outro e suprimindo toda e qualquer possibilidade de contato.³⁵

O individualismo, na concepção de Mounier, consiste num sistema de costumes, de sentimentos, de idéias e de instituições que organiza o indivíduo partindo de atitudes de isolamento e de defesa. Foi a ideologia e a estrutura dominante da sociedade burguesa ocidental desde o século XVIII e o século XIX.³⁶

Homem abstrato, sem vínculos nem comunidades naturais, deus supremo no centro de uma liberdade sem direção nem medida, sempre pronto a olhar os outros com desconfiança, cálculo ou reivindicações; instituições reduzidas a assegurar a instalação de todos esses egoísmos ou o seu melhor rendimento pelas associações voltadas para o lucro; eis a forma de civilização que vemos agonizar. Para Mounier, sem dúvida alguma, uma das mais pobres que a história testemunhou. Civilização que enquadra-se perfeitamente no que ele chama de a própria antítese do personalismo³⁷ e o seu mais direto adversário.³⁸

³³ Como fundamenta Emmanuel Mounier em sua obra *Introdução aos Existencialismos*: “O outro é o que ameaça as minhas posses mundanas e surge-me sob o aspecto de estorvo possível. Cf. MOUNIER, E. *Introdução aos existencialismos*. op. cit., p.156.

³⁴ MOUNIER, E. *O personalismo*. op. cit., pp. 43,44.

³⁵ *Ibid.*, p. 44.

³⁶ *Ibid.*, pp. 44,45.

³⁷ Uma civilização personalista é uma civilização cujas estruturas e espírito estão orientados para a realização da pessoa que é cada um dos indivíduos que a compõem. As coletividades naturais são aqui reconhecidas na sua realidade e na sua finalidade própria, diferente da simples soma dos interesses individuais e superior aos interesses do indivíduo considerado materialmente. Elas têm, todavia, por fim último pôr cada pessoa em estado de poder viver como pessoa, quer dizer, em estado de poder atingir um máximo de iniciativa, de responsabilidade, de vida espiritual. Cf. MOUNIER, E. *Manifesto ao serviço do personalismo*. op. cit., p. 83. Ver também NOGARE, P. D. *Humanismos e anti-humanismos*: introdução à antropologia filosófica. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 147.

³⁸ MOUNIER, E. *O personalismo*. op. cit., pp. 44,45. Segundo a obra *Antropologia personalista de Mounier*, de Antônio Joaquim Severino, o modo de filosofar de Emanuel Mounier unia-se à tomada de consciência de uma grande crise histórica pela qual passava a civilização ocidental. Assim, fundamenta Severino, o personalismo partiu de uma tomada de consciência da situação degradada da civilização ocidental, e sua primeira tarefa era civilizadora. E como movimento civilizador, propagou até mesmo uma revolução total das estruturas da civilização. Contudo, Mounier assim o fazia pretendendo manter tal empreendimento fecundado por uma profunda reflexão filosófica. Em função disso, surgiram conflitos entre ele e outros demais movimentos, imediatamente ávidos de ação, e demasiadamente impacientes quanto à resultados rápidos. Cf. SEVERINO, A. J. *Antropologia personalista de Mounier*. op. cit., p. 23. Ver também COSTA, J. B. *Emmanuel Mounier*. Lisboa: Círculo do Humanismo Cristão, Livraria Morais Editora, 1960, pp.

Nesta civilização, opõe-se muitas vezes pessoa e indivíduo. Assim, corremos então o risco de desligar a pessoa das suas concretas amarras. O movimento de interiorização constituído pelo indivíduo contribui para assegurar sua forma. No entanto, a pessoa, segundo Mounier, somente tem a possibilidade de se desenvolver autenticamente como pessoa, na medida em que, sem cessar, se purifica do indivíduo que nela está. Não o conseguirá voltando toda sua atenção sobre si própria, mas, pelo contrário, tornado-se disponível e por isso mesmo mais transparente a si própria e aos outros.³⁹ Para Emmanuel Mounier,

Tudo se passa como se nos tornássemos então, quando já não estamos mais “ocupados conosco”, “cheio de nós”, então, e então somente, prontos para os outros, entrados em graça.⁴⁰

A crítica ao gigantismo social realizada por Mounier opõe uma salutar inquietação à mania do lógico e dos elementos que levam os próprios homens a pensar nos homens como massa. Desta forma, um grande estímulo para melhor os pensar como matéria ou instrumento, para melhor os negar como pessoas.⁴¹

Segundo Mounier, a forma mais baixa que podemos conceber de um universo de homens seria um mundo em que nos deixamos aglomerar quando renunciamos a ser pessoas lúcidas e responsáveis; mundo da consciência sonolenta, dos instintos anônimos, das opiniões vagas, dos respeitos humanos, das relações mundanas, do “diz-que-diz-que” cotidiano, do conformismo social ou político, da mediocridade moral, da multidão, das massas anônimas, das organizações irresponsáveis.⁴²

30,31.

³⁹ MOUNIER, E. *O personalismo*. op. cit., p. 45.

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ Ibid., p. 51. Conforme observa Alino Lorenzon em sua obra intitulada *Atualidade do pensamento de Emmanuel Mounier*, o personalismo sempre recusou a dicotomia entre a reflexão e o engajamento, visando conceber o discurso filosófico de uma maneira diferente da tradicional. Sua intenção era permitir que o ser humano se comportasse face à história e ao acontecimento não como um simples espectador mas como um ator. Não se tratava simplesmente de criticar a história, ainda que da maneira mais objetiva, mas de pressioná-la, tendo sempre o cuidado de não separar o pensamento da ação. No centro dessa dialética é que, segundo Mounier, a pessoa deveria estar, a pessoa concreta e histórica. Para Mounier, a pessoa deveria estudar os problemas humanos sim, mas simultaneamente lutar pelo ser humano no processo de personalização individual e comunitária. Cf. LORENZON, A. *Atualidade do pensamento de Emmanuel Mounier*. Ijuí: Unijuí, 1996, p. 7.

⁴² MOUNIER, E. *O personalismo*. op. cit., p. 52.

Na concepção de Mounier, tal mundo consiste num mundo sem vitalidade e completamente desolado, onde cada pessoa renunciou provisoriamente sua capacidade de ser si mesmo, para se transformar num qualquer, não interessando quem e de que forma. Este mundo não constitui nem um nós, nem um todo. Não está ligado a esta ou àquela forma social, antes é em todas elas uma maneira de ser. Nos lembra então Mounier, que o primeiro ato de uma vida que quer se transformar numa vida pessoal seria a tomada de consciência de sua vida anônima e a geração da revolta contra os efeitos de degradação oriundos de uma existência anônima.⁴³

Segundo o filósofo personalista, a civilização ocidental consiste numa comunidade de necessidades ou interesses. E tal comunidade esconde, debaixo de provisórios entendimentos, a discórdia. Na opinião do filósofo, a prática da associação não é capaz nunca de arrancar definitivamente o interesse por seu vetor egocêntrico. A suposta hierarquia interna das funções, embora aparentemente muito bem estabelecida, enrijece e torna cada vez mais espinhosa as relações entre “escravo e senhor”, classes, castas, postos, cargos etc. Dessa forma, cada relação destas mencionadas comporta internamente variados germes de guerras interiores. Neste processo, contribuem para a formação de um todo que corrompe o nós.⁴⁴

O século XVIII, nos alertava Mounier, pensou que a única solução para escapar às paixões das sociedades irracionais estava numa sociedade racional, fundada num acordo dos espíritos num pensamento impessoal, e no acordo dos comportamentos numa ordem jurídica formal. Pensavam que assim caminhariam para a paz

⁴³ Ibid.

⁴⁴ Ibid., p. 53. Quanto a isso, é interessante observar as colocações do sociólogo Luiz Alberto Gómez de Souza. Segundo ele, numa carta que Mounier escreveu para um amigo em 1940, diz que já em 1929, em plena crise econômica, a crise de 1929, Mounier sentia que não se tratava apenas de uma crise de um sistema econômico, mas de uma crise de civilização. Assim, ainda segundo Luiz Alberto, Mounier, em 1932, com a criação da revista *Esprit*, lançou um manifesto: “Refaire la Renaissance”. Isto porque o renascimento foi o começo de 500 anos da modernidade e, de certa maneira, esses 500 anos estavam se esgotando. Seria necessário retomar o começo de uma nova época. Desse modo, Mounier intuía que estávamos no fim de um tempo e no começo de outro, mas que era um começo lento, até chegar a um novo renascimento. Cf. SOUZA, L. A. G. A dimensão política do pensamento de Mounier. In: BINGEMER, M. C. L. (org.). *Testemunhas do século XX: Mounier, Weil e Silone*. Rio de Janeiro: Editora Puc-Rio, 2007, p. 55.

universal através da instrução obrigatória, da organização industrial ou do reinado do direito.⁴⁵

Contudo, a experiência iria demonstrar que o saber agita paixões, que o direito formal pode sufocar desordens persistentes, que a organização e a ideologia, quando desprezam o absoluto pessoal, levam, tal como as paixões, à polícia, à crueldade e à guerra. Em outras palavras, pronuncia Mounier, não podemos querer estabelecer a universalidade esquecendo as demandas e a complexidade da pessoa.⁴⁶

A sociedade urbana, nos moldes em que a conhecemos, fomenta a sufocação do ímpeto comunitário e nos ameaça de nos degradarmos em sociedades fechadas. Estas, somente poderão manter vívidos os elementos de um universo pessoal se cada uma delas se mantiver virtualmente aberta à universalidade das pessoas. E para conseguirmos alguma unidade, não poderá ser uma unidade de identidade, pois, por definição, a pessoa é aquilo que não pode ser repetido.⁴⁷

2.4

A necessária doação

O personalismo de Mounier salientava a absoluta necessidade de, como sociedade, permitirmos que todos os seus membros possuíssem condições mínimas de subsistência. A respeito daqueles que se encontravam sempre marginalizados expressava: “Um homem, mesmo diferente, mesmo degradado, é sempre um homem, a quem devemos permitir que viva como um homem.”⁴⁸

⁴⁵ MOUNIER, E. *O personalismo*. op. cit., p. 53.

⁴⁶ Ibid. Por toda parte, destaca ainda Mounier, o ser humano é obrigado a aceitar sistemas e instituições que o esquecem por completo. Assim, quando curva-se, automaticamente destrói-se. Por isso o filósofo desejava “salvar” o ser humano oferecendo-lhe consciência do que realmente é. Considerava sua tarefa central divulgar a verdadeira noção de ser humano; com dignidade mínima e condições justas para desenvolver sua vida pessoal e comunitária. É assim que, livre para ser absolutamente franco frente à realidade construía sua obra para um mundo novo. Cf. J. B. COSTA. *Emmanuel Mounier*. Lisboa: Círculo do Humanismo Cristão, Livraria Morais Editora, 1960, pp. 32,33.

⁴⁷ MOUNIER, E. *O personalismo*. op. cit., p. 54.

⁴⁸ Ibid., p. 55.

Para tal, defendia que as evoluções tecnológicas, as reflexões mais apuradas, as meditações, as retificações intelectuais, as generosidades, as construções técnicas, de nada valem se os homens não se engajam com atos e compromissos visando a dignidade humana.⁴⁹

O filósofo concebe a ação não como um mal necessário, mas com uma superabundância da alma a serviço dos homens.⁵⁰ Insistia sobre o urgente dever de todas as pessoas estarem presentes no mundo. E essa presença, afirmava, somente se provaria através de seus engajamentos.⁵¹

Segundo o seu pensamento, tudo muda completamente se nos colocamos, em relação a nós mesmos e aos outros, numa atitude de disponibilidade; deixando de pensarmos exclusivamente em nós mesmos como seres que buscam somente a auto-proteção. Sugere que estejamos abertos ao mundo e aos outros, prestando-nos à sua influência, sem cálculo ou sistemática desconfiança. Tratar-se-ia de nos oferecermos a uma irrupção cuja especificidade é sermos arrancados de nós mesmos, arrancados de nosso pensamento auto-centrado.⁵²

Sugere Mounier, que vivenciemos a experiência de uma presença sempre disponível ao outro e, por isso mesmo, sempre nova. Seria o que chama de fidelidade criadora, já que os dados de nosso compromisso perpetuamente se modificariam no decurso do caminho e perpetuamente reinventariam a continuidade de seu destino.⁵³

Experiências como essa, a presença do outro, longe de nos imobilizar, surgem, ao contrário, como fonte de méritos e são indubitavelmente necessárias à renovação e criação. São indispensáveis para permitir que o outro lance sobre nós o seu olhar e surta algum efeito. Mas para isso, nos lembra Mounier, é necessário que acolhamos a presença do outro como algo que disponhamos. Em suas próprias palavras: “Para que o olhar que sobre mim se pousa não me imobilize, mas, muito

⁴⁹ MOIX, C. O Pensamento de Emmanuel Mounier. op. cit., p. 105.

⁵⁰ Ibid., pp. 112,113.

⁵¹ Ibid., p. 113.

⁵² MOUNIER, E. *Introdução aos existencialismos*. op. cit.,157.

⁵³ Ibid.

pelo contrário, me importune, me inquiete, me ponha em causa”.⁵⁴ O olhar do outro, se de fato o acolhermos, nos despoja de nós mesmos, nos despoja de nossa opacidade egocêntrica, de nossas obstruções.⁵⁵

Por isso, explica Mounier, existimos como um ser transcendente, feitos para permanentemente se libertar de si mesmos, de nossas paixões, de nosso desprezo pelos homens⁵⁶, de nossa auto-suficiência, de nosso isolamento estéril ou de nossa busca pelo poder.⁵⁷

Nesse sentido, completa o filósofo, é necessário que conheçamos o povo e para isto não basta olhá-lo de fora. Assim, para perceber o sentido deste conhecimento do povo é preciso não somente agir para o povo, ocupar-se de obras que visam o povo humilhado e desprezado⁵⁸, mas ser com, existir com o povo, sofrer e comungar com seu destino.⁵⁹

Sendo ainda mais explícito, Mounier utiliza as seguintes palavras: “Pecadores com os outros, devemos trabalhar com os outros, acotovelando-nos com a multidão malcheirosa”.⁶⁰

Sobre a responsabilidade de todos sobre todos, Mounier menciona o fato de algumas pessoas se esconderem atrás da doutrina da não-violência, e denuncia que muitas vezes tal doutrina servia como refúgio ao medo de viver. Um dos frutos desse refúgio seria a existência de um falso pacifismo que, segundo ele, não

⁵⁴ Ibid., p.158.

⁵⁵ Ibid.

⁵⁶ Algo que Mounier concebe com uma traição da existência Cf. MOUNIER, E. *Introdução aos existencialismos*. op. cit., p.162.

⁵⁷ Ibid., pp.161,162.

⁵⁸ Denuncia Mounier que há uma realidade dolorosamente incontestável e esta é precisamente o povo, para ele, a comunidade daqueles que jamais gozaram de privilégio nem comando, a comunidade daqueles sobre quem caem sempre, de pai para filho, as tarefas mais duras, a comunidade daqueles que jamais serão chefes, a comunidade daqueles que estão unidos, num difícil e sangrento patrimônio histórico por uma certa maneira de viver o sofrimento, sendo, segundo Mounier, sempre os mesmos que se oferecem para morrer. Cf. MOIX, C. *O Pensamento de Emmanuel Mounier*. op. cit., p. 102.

⁵⁹ Ibid., p. 101.

⁶⁰ Ibid., p. 113.

passava de evasão, desejo de tranquilidade e, por isso, atacado pelo filósofo na mesma medida em que atacava o belicismo.⁶¹

As palavras de Emmanuel Lévinas, oriundas de sua obra *Humanismo do outro homem*, também nos oferecem uma base proveitosa para essa reflexão. O filósofo nos estimula a renunciarmos à costumeira necessidade que temos de sermos contemporâneos ao triunfo de nossa obra. Lévinas nos encoraja a permitirmos o desenvolvimento desse triunfo em um futuro sem nós⁶², ousarmos, por oferta pura de nós mesmos, visar este mundo sem a exigência de nossa própria presença, visar um tempo para além do horizonte de nosso tempo, libertação em relação ao nosso próprio tempo.⁶³

Lévinas sugere a possibilidade de sermos para um tempo que seria sem nós, para um tempo depois de nosso tempo. Em suas palavras: “Ser para a morte a fim de ser para o que vem depois de mim”.⁶⁴ Ação por um mundo que vem, superação de nossa própria época, superação de si que requer a epifania do outro.⁶⁵

Oferece-nos então o filósofo um exemplo referente a um homem que, mesmo na prisão, continua a crer num futuro incerto e continua a trabalhar no presente, para as mais distantes coisas às quais o presente é um irrecusável desmentido. Para Lévinas, há vulgaridade e baixeza numa ação que só se concebe para o imediato e para nossa própria vida. Por outro lado, uma nobreza muito grande na energia que se liberta da concreção do presente e o agir em prol do futuro.⁶⁶

2.5

Revolução pessoal

Para Mounier, é preciso ser antes de fazer. E para ser é preciso extirpar o mal que há em nós. Por isso explica que a revolução deve ser, em primeiro lugar, o

⁶¹ MOIX, C. *O Pensamento de Emmanuel Mounier*. op. cit., p. 117

⁶² A expressão específica que o autor utiliza é a seguinte: triunfo num tempo sem mim (moi). Cf. LÉVINAS, E. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 45.

⁶³ Ibid.

⁶⁴ Ibid., p. 46.

⁶⁵ Ibid.

⁶⁶ Ibid., p.47.

sentimento insuportável de um conflito entre o que acreditamos ser e o que realmente somos, entre a ordem a que nós servimos e a ordem autêntica. Mounier denomina revolução pessoal a atitude que nasce a cada instante de uma tomada de má consciência revolucionária; seria uma revolta dirigida, em primeiro lugar, por cada um contra si mesmo. Uma revolta sobre a nossa própria participação ou sobre a nossa própria complacência com a desordem estabelecida.⁶⁷

Um espírito de revolta a respeito do distanciamento tolerado entre aquilo a que a pessoa serve e o que ela mesma diz servir. Tal postura geraria assim uma expansão e, num segundo momento, uma conversão contínua de toda pessoa, agora solidária, através de palavras, gestos e princípios na unidade de um mesmo engajamento. Tal revolução, segundo Mounier, é interminável, e para o cristão ilimitada.⁶⁸

Algumas pessoas, alega o filósofo católico, resistem à revolução pessoal por interesses individualistas; já outras, que considera boas pessoas, o fazem por puro otimismo e uma incapacidade de se chocarem com o mal existente. Assim, conseqüentemente, se posicionam de maneira hostil a quaisquer mudanças. Os próprios cristãos, na visão de Mounier, são guiados por uma falsa noção de caridade, algumas vezes confundida com uma acomodante indulgência que, na maioria das vezes, não é indulgência para com os outros, porque é antes indulgência para consigo.⁶⁹

Esses cristãos, na visão de Mounier, são marcados então por uma excessiva harmonia em sua visão de mundo e insuficiente realismo, o que faz com que se escandalizem com as denúncias da desordem, os anátemas e a expressão do desejo ardente de justiça.⁷⁰ Essa postura no âmbito cristão, na avaliação de

⁶⁷ MOIX, C. *O Pensamento de Emmanuel Mounier*. op., cit., p. 108.

⁶⁸ Ibid.

⁶⁹ Ibid., p. 109.

⁷⁰ Sobre tal conformismo nos auxilia também Erich Fromm: A sociedade contemporânea advoga esse ideal de igualdade não individualizada, porque necessita de átomos humanos – cada qual o mesmo – a fim de fazê-los funcionar numa agregação de massa, suavemente, sem fricções, obedecendo todos ao mesmo comando e, contudo, convencido cada qual de estar seguindo seus próprios desejos. Assim como a moderna produção em massa exige a padronização dos artigos, também o processo social requer a padronização do homem. A união pela conformidade não é intensa e violenta; é calma, ditada pela rotina e geradora da sensação apaziguadora da conformidade do rebanho. Nesta dinâmica, o indivíduo é introduzido no padrão conformista ainda

Emmanuel Mounier, acaba então ignorando o destino da comunidade, esquecendo a mística, a teologia, e a moral comunitária do cristianismo.⁷¹

Alerta-nos ainda o filósofo que há um mal entendido nascido do contra-senso cometido sob o signo de resignação cristã. Segundo sua alegação, se o cristão conhece o valor do sofrimento e do sacrifício, não poderia estar menos inflamado pelo desejo de justiça.⁷² Aliás, alega o filósofo, se o cristão, por ventura, aceita a injustiça para si mesmo, ainda assim não possui o direito de fazer dela uma regra para todos.⁷³

Mounier proclamava a necessidade da autocrítica revolucionária. Para alguns revolucionários, lembra-nos, a revolução nada mais é do que um pouco de agitação. Assim, liberam somente um temperamento. Por isso, alega o filósofo, é importante que os revolucionários se demitam de sua boa consciência. Em suas palavras: “Só merecemos nossa revolução se começarmos por passarmos nós mesmos por completa transformação”.⁷⁴ Mais adiante acrescenta ainda: “Ser revolucionário não é um alibi, nem pode suprir o lugar de ser homem”.⁷⁵

Segundo o pensamento de Mounier, revolução pessoal é o primeiro ponto essencial para a pessoa atingir. Sem ela não haverá transformação profunda e duradoura. A luta contra a boa consciência é a guerra à mentira que nos

na infância e desde então jamais perde o contato com o rebanho. Todas as pessoas de tal sociedade realizam tarefas prescritas pela estrutura total da organização social, além dos sentimentos prescritos e a diversão rotinizada. Cf. FROMM, E. *A arte de amar*. op. cit., pp. 32,33.

⁷¹ MOIX, C. *O Pensamento de Emmanuel Mounier*. op. cit., p. 109.

⁷² Para Mounier é necessário providenciar recursos para permitir que o homem viva como homem dignamente. Para isso, apresenta a proposta personalista, e isso o faz através da provocação do pensamento, embora o salto do espírito não proceda dele somente, da consideração das idéias e da doutrina que estão nos livros, mas de um ato valente de presença na miséria do mundo de hoje, da visão insustentável da desordem estabelecida. A experiência ou a proximidade da miséria era seu batismo de fogo. Este batismo, concebia como um grito que precisava ser ouvido, o grito da juventude, da cólera justa e do amor, e não o murmúrio pacífico dos conceitos bem ordenados. Em função disto afirmava a indispensabilidade de se tomar consciência, o mais rápido possível, em relação ao maior número de pessoas possível, para assim despertar e reunir os espíritos para engajarem-se conjuntamente no combate às desigualdades. Cf. SEVERINO, A. J. *Antropologia personalista de Mounier*. op. cit., 20.

⁷³ MOIX, C. *O Pensamento de Emmanuel Mounier*. op. cit., p. 118.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 111.

⁷⁵ *Ibid.*

acostumamos a conviver. O segundo ato revolucionário apontado por Mounier deve ser o empenho na revolução contra os mitos.⁷⁶

Em sua visão, o mito⁷⁷ é a mentira inserida no interior dos homens, no interior dos partidos. O mito, assim concebido, torna a vida pública contraditória à vida privada. Se torna então temível pela ilusão que cria, acobertando-se dos valores mais sagrados. Para o filósofo, a eloquência moral que o mito se reveste acaba mistificando até os corações retos.⁷⁸

Ainda em relação a indispensabilidade da revolução pessoal, Mounier afirmava que nada poderia ajudar o ser humano nessa tarefa. Somente ele, responsável por sua própria condução poderia gerar a revolução pessoal. Quanto ao auxílio da instituições nesse processo declarava:

Não são as instituições que fazem um homem novo, mas um trabalho pessoal do homem sobre si mesmo, no qual ninguém pode substituir ninguém. As instituições não assumirão seu esforço.⁷⁹

2.6

Os graus da comunidade

A despersonalização do mundo moderno e a decadência da idéia comunitária representam para Mounier uma única e mesma coisa. Segundo sua alegação, tanto uma como outra vêm a dar no mesmo subproduto de humanidade: a sociedade sem rosto, feita de homens sem rosto.⁸⁰

O mundo dos homens sem rosto, segundo Mounier, é o mundo onde flutuam as idéias gerais e as opiniões vagas, o mundo das posições neutras e do conhecimento objetivo. É deste mundo que procedem as massas, aglomerados

⁷⁶ MOIX, C. *O Pensamento de Emmanuel Mounier*. op. cit., p. 111.

⁷⁷ Evidentemente, Mounier não compreende mito como hoje conseguimos compreender. Sua abordagem, nesta passagem específica, em relação à idéia de mito é bastante pejorativa. Não compreende mito através do auxílio da antropologia e da filosofia das formas simbólicas, onde mito constitui uma forma autônoma e válida de pensamento, diferente da razão. Cf. BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 2004, pp. 55-57.

⁷⁸ MOIX, C. *O Pensamento de Emmanuel Mounier*. op. cit., p. 101.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 112.

⁸⁰ MOUNIER, E. *Manifesto ao serviço do personalismo*. op. cit., p. 108.

humanos, sacudidos, em algumas circunstâncias, por movimentos violentos. As massas são entendidas pelo filósofo como resíduos e não como ponto de partida. Despersonalizada em cada um dos seus membros e despersonalizada como todo, a massa caracteriza-se por um misto singular de anarquia e de tirania, a tirania do anônimo – segundo Mounier, de todas as tiranias existentes, a mais vexatória – já que mascara as forças da impersonalidade.⁸¹

Não é possível, segundo o filósofo, criar uma comunidade em um mundo onde já não há próximo, onde somente subsistem semelhantes, semelhantes esses que não se olham. Cada um vive assim uma solidão que ignora a presença do outro. Afirma ainda Mounier: “Quando muito, um indivíduo chama seus amigos a alguns duplos de si próprio⁸², em que possa satisfazer-se e tranquilizar-se.”⁸³

Para o personalismo de Mounier, o primeiro ato da iniciação à vida pessoal é a tomada de consciência da vida anônima. O primeiro passo de uma pessoa iniciando-se numa vida comunitária seria a tomada de consciência de que tem uma vida indiferente: indiferente aos outros, prioritariamente, porque é indiferenciada dos outros. Com base nesta declaração, estamos aqui no limiar onde começa a vida solidária da pessoa e da comunidade.⁸⁴

Existe um “nós”, violentamente afirmado, que não é para cada um dos membros que o professa, um pronome pessoal, um compromisso da sua liberdade responsável. Muitas vezes serve para fugir à angústia da escolha e da decisão nas comodidades do conformismo coletivo. Atribui-se às vitórias do conjunto e lança-se sobre ele os erros.⁸⁵

⁸¹ MOUNIER, E. *Manifesto ao serviço do personalismo*. op. cit., p. 108

⁸² Duplos de si próprio quer dizer, para o filósofo, pares iguais, a convivência somente com aqueles em que nos identificamos. Cf. *Ibid.*, p. 109.

⁸³ *Ibid.*

⁸⁴ *Ibid.* Segundo Mounier, a pessoa somente se realiza como fazedora de parte de uma comunidade. Contudo, alerta-nos o filósofo católico, isto não quer dizer que a ela não tenha alguma chance de fazê-lo perdendo-se no anonimato. Para Mounier, não existe comunidade verdadeira a não ser uma comunidade de pessoas, e todas as outras não passam de uma forma do anonimato de pessoas. Cf. LORENZON, A. *Atualidade do pensamento de Emmanuel Mounier*. op. cit., p. 7.

⁸⁵ MOUNIER, E. *Manifesto ao serviço do personalismo*. op. cit., p. 110.

Esta forma elementar de comunidade, conquanto seja ardente e leve cada indivíduo a um alto grau de exaltação, se constitui, caso não seja conduzida cautelosa e criteriosamente, contra a pessoa. Para Mounier, tal forma tende à hipnose como a massa anônima tende ao sono.⁸⁶ Dessa forma, tal comunidade ainda não representa mais do que uma comunidade de superfície, onde se corre o risco de, nas palavras do filósofo, se distrair de si, sem presença e sem verdadeira permuta.⁸⁷

Nessas comunidades, cada qual vive numa espécie de hipnose difusa. Se a pessoa pensa, pensa as idéias segregadas pelos interesses da associação ou pelos seus interesses na associação. A pessoa ainda nada ganha com esta forma de associação. Na avaliação do filósofo, toda sociedade vital propende para uma sociedade fechada, egoísta, se não for animada internamente pelos elementos básicos que configuram uma outra comunidade espiritual.⁸⁸

Podemos verificar definitivamente, segundo a filosofia de Emmanuel Mounier, a implacável impossibilidade de fundar uma verdadeira comunidade se subtraindo a pessoa. Esta comunidade, ainda que a coberto de pretensos valores humanos, seria insuficiente em seu intuito, já que estaria desumanizada na medida em que seria despersonalizada.⁸⁹

Mounier confessa que se fosse possível delinear uma utopia, descreveria uma comunidade onde cada pessoa se realizaria na totalidade de uma vocação continuamente fecunda, e a comunhão do conjunto seria uma resultante viva desses êxitos singulares. O lugar de cada um seria aí insubstituível e, ao mesmo tempo, harmonioso no todo. O primeiro laço seria o amor⁹⁰, e não qualquer interesse econômico. Cada pessoa encontraria nos valores comuns –

⁸⁶Ibid.

⁸⁷Ibid., pp. 110,111.

⁸⁸MOUNIER, E. *O personalismo*. op. cit., p. 112.

⁸⁹MOUNIER, E. *Manifesto ao serviço do personalismo*. op. cit., p. 113

⁹⁰ Como observa também o sociólogo e cientista político Luís Alberto Gómez de Souza em sua obra intitulada *A utopia surgindo no meio de nós*, no marxismo Mounier não encontrava o lugar, na sua visão ou na sua organização do mundo, de sua forma última de existência espiritual que é a pessoa com seus valores próprios: a liberdade, como já foi mencionada neste capítulo, e o amor. Cf. SOUZA, L. A. G. *A utopia surgindo no meio de nós*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p.145.

transcendentes ao lugar e ao tempo particular de cada um – o laço que as ligaria entre si.⁹¹

Todavia, o filósofo reconhece que seria demasiado perigoso conceber este esquema como historicamente realizável. Mas, segundo ele, mesmo que o consideremos um mito, ou, como cristão, algo a ser alcançado, não deixa de dar à história uma direção fundamental, e deve orientar o ideal comunitário.⁹²

Salienta ainda o filósofo:

A aprendizagem do nós não pode prescindir da aprendizagem do eu. Acompanha-a e segue-lhe as vicissitudes: o anonimato das massas é feito da dissolução dos indivíduos e a crispação das sociedades em nós corresponde a esse estágio em que a personalidade se afinca na afirmação de si.⁹³

No entanto, lembra-nos Mounier, quando começamos a nos interessar pela presença real dos homens, a reconhecer essa presença em face de nós, a conhecer a pessoa que ela nos revela, o “tu” que ela nos propõe, a não mais ver nela uma terceira pessoa, uma pessoa qualquer, uma coisa viva e estranha, mas um outro eu como eu mesmo, então realizaremos o primeiro ato da comunidade sem o qual nenhuma instituição será sólida.⁹⁴

Como nos lembra o filósofo Emmanuel Lévinas em sua obra *O Humanismo do outro homem*, o desejo do outro, a sociabilidade, nasce num ser que não carece de nada ou, mais exatamente, nasce para além de tudo que lhe pode faltar ou satisfazê-lo. Menciona Lévinas:

⁹¹MOUNIER, E. *Manifesto ao serviço do personalismo*. op. cit., p. 114

⁹²Ibid. Emmanuel Mounier, conforme nos lembra Luís Alberto Gómez de Souza, ao mesmo tempo que analisava o individualismo em toda sua abertura e o coletivismo com toda sua grandeza, denunciava o reducionismo de ambos e assim propunha uma “revolução personalista e comunitária” que procurava incorporar as verdades de ambos os processos. Cf. SOUZA, L. A. G. *A utopia surgindo no meio de nós*. op. cit., p.141.

⁹³MOUNIER, E. *Manifesto ao serviço do personalismo*. op. cit., p. 114.

⁹⁴Ibid.

A relação com o outro questiona-me, esvazia-me de mim mesmo e não cessa de esvaziar-me, descobrindo-me possibilidades sempre novas. Nós nos reencontramos diante do outro.⁹⁵

A presença do outro, na concepção de Lévinas, consiste em um vir a nós, consiste em fazer uma entrada. Isso pode ser enunciado da seguinte forma: o fenômeno que é a aparição do outro, é também rosto, e a epifania do rosto é também visitação. O outro que se manifesta no rosto perpassa, de alguma forma, sua própria essência plástica, como um ser que abrisse a janela onde sua figura, no entanto, já se desenhava. É precisamente isto o que Lévinas descreve pela fórmula: o rosto fala. A manifesta o do rosto é o primeiro discurso. Falar é, antes de tudo, esse modo de chegar por det rs da sua aparência, por det rs de sua forma, uma abertura na abertura.⁹⁶

O rosto impõe-se a nós sem que possamos permanecer surdos a seu apelo ou ignor -lo, sem que possamos cessar de ser responsáveis pelo outro. Por isso, a presença do rosto significa para Lévinas uma ordem irrecus vel⁹⁷ – um mandamento – que det m a disponibilidade da consciência. A consciência é questionada pelo rosto. A visita o do outro consiste em desordenar o próprio egoísmo do eu.⁹⁸

A esse respeito, contemporaneamente, podemos nos lembrar da expressão poética da can o *Copo vazio*, de Gilberto Gil.

É sempre bom lembrar
Que um copo vazio
Está cheio de ar.
É sempre bom lembrar
Que o ar sombrio de um rosto
Está cheio de um ar vazio,
Vazio daquilo que no ar do copo

⁹⁵ LÉVINAS, E. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 1993, pp. 49, 50.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 51.

⁹⁷ Em sua outra obra, intitulada *De Deus que vem   idéia*, Lévinas sustenta a tese de que a proximidade significa, a partir do rosto do outro homem, a responsabilidade já assumida para com ele; uma responsabilidade sem escapatória. Desse modo, justifica Lévinas, a subjetividade que diz “eu” toma sentido nesta responsabilidade de primeiro vindo, de primeira pessoa arrancada do lugar confortável que ocupava como indivíduo protegido no conceito do “Eu” em geral das filosofias. Cf. LÉVINAS, E. *De Deus que vem   idéia*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 164.

⁹⁸ LÉVINAS, E. *Humanismo do outro homem*. op. cit., pp. 52, 53, 61.

Ocupa um lugar.
 É sempre bom lembrar,
 Guardar de cor, que o ar vazio
 De um rosto sombrio está cheio de dor.

A obra de Murilo Mendes também visita o drama teológico de lidar com o rosto do outro, principalmente do pobre, do miserável, do fragilizado socialmente, drama este salientado pelo evangelho como central para a experiência humana que procura a Deus.⁹⁹ Em seu poema *O mau samaritano*, por exemplo, o poeta católico menciona um elemento fundamental para a teologia cristã: a co-responsabilidade, o colocar-se no lugar do outro, ainda que desconhecido. Vejamos:

Quantas vezes tenho passado perto de um doente,
 Perto de um louco, de um triste, de um miserável,
 Sem lhes dar uma palavra de consolo.
 Eu bem sei que minha vida é ligada à dos outros,
 Que outros precisam de mim, que preciso de Deus
 Quantas criaturas terão esperado de mim
 Apenas um olhar – que eu recusei.¹⁰⁰

2.7

O conceito de pessoa em Mounier

Para Mounier, o mundo moderno construiu-se inteiramente contra a pessoa humana.¹⁰¹ De um lado as manifestações do individualismo, de outro o desenvolvimento dos grandes sistemas permitindo as tiranias coletivas. Nestas formas de opressão, vê o filósofo o verdadeiro mal social e contra eles empenha

⁹⁹ BINGEMER, M.C.L.; YUNES, E. (orgs.) *Murilo, Cecília e Drummond: 100 anos com Deus na poesia brasileira*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 90.

¹⁰⁰Ibid., pp., 90,91.

¹⁰¹Segundo o sociólogo Luiz Alberto Gómez de Souza é necessário sermos muito cuidadosos ao utilizarmos em Mounier a categoria de pessoa. Segundo ele, muitas leituras têm atraído a maneira que Mounier pensava realidades concretas, utilizando a categoria do termo pessoa de modo abstrato, segundo o sociólogo, num vago meio-termo morno; nem individual, nem coletivo. Alerta-nos Luiz Alberto que, segundo Mounier, a pessoa humana não é um meio-termo morno entre o indivíduo e a sociedade. Ela é, ao contrário, articulação contraditória e concreta das pessoas e das comunidades em situações determinadas. Não podemos fazer um discurso geral e vago sobre a pessoa humana. Assim segundo as palavras de Luiz Alberto, “nós temos que ver na pessoa humana uma situação concreta, contraditória, intensa, num conflito. É aí que a pessoa se descobre em toda sua concretude. Não como categoria, mas como sujeito de um conflito.” Cf. SOUZA, L. A. G. A dimensão política do pensamento de Mounier. In: BINGEMER, M. C. L. (org.). *Testemunhas do século XX: Mounier, Weil e Silone*. Rio de Janeiro: Editora Puc-Rio, 2007, pp. 55,56.

suas forças. Por isso declara: “Todo o nosso esforço doutrinário, não o esqueçamos, visa libertar o senso da pessoa dos erros individualistas e das cadeias dos erros coletivistas”.¹⁰²

Aí está todo o programa de *Esprit*¹⁰³, todo o programa de Mounier. De fato, teve cuidado de não só propor remédios sociais e políticos, mas de elaborar, frente ao individualismo e frente aos grandes sistemas econômicos, os aspectos da filosofia personalista e comunitária.¹⁰⁴

Seu intuito era restabelecer bases sólidas para um mundo tumultuado. Assistindo, na época, a ascensão dos fascismos e do impulso comunista, escrevia Mounier: “Só uma revolução personalista e comunitária pode assegurar o equilíbrio dinâmico da Europa”.¹⁰⁵

Através de uma designação religiosa, Mounier concebe a pessoa como um ser espiritual constituído como tal por um modo de subsistência e de independência no seu ser. A pessoa alimenta essa subsistência por uma adesão a uma hierarquia de valores livremente adotados, assimilados e vividos por uma tomada de posição responsável e uma constante conversão. Deste modo, a pessoa unifica toda a sua atividade na liberdade e desenvolve, por acréscimo, mediante atos criadores, a singularidade da sua vocação.¹⁰⁶

No entanto, apesar da designação acima, Mounier reconhece ser extremamente difícil definir o que é uma pessoa. Sendo a pessoa, com efeito, a própria presença

¹⁰² MOIX, C. *O Pensamento de Emmanuel Mounier*. op. cit., p. 122.

¹⁰³ Como declara Alino Lorenzon, se examinarmos atentamente a revista *Esprit*, de 1932 a 1950, os *Journaux Intérieurs des Amis d'Esprit*, ficaremos impressionados com a quantidade de temas abordados. Encontraremos questões de ordem política e econômica, religiosa e artística, problemas relativos à guerra e à paz, ao indivíduo, à família e à escola. Segundo Lorenzon, não se omitiu nada que fosse legitimamente humano. A Revista *Esprit* era também uma revista diferenciada pelo método de trabalho e pela natureza das questões tratadas. Era uma presença combatente e crítica, manifestada por toda uma rede de grupos de reflexão e de ação. Não se constituía apenas numa reunião de artigos mas era o resultado de uma participação e de uma criação em conjunto, pois todos os temas eram o objeto de uma pesquisa e de uma confrontação comunitária antes que o leitor recebesse a revista. Cf. LORENZON, A. *Atualidade do pensamento de Emmanuel Mounier*. op. cit., pp. 9,14. Ver também SEVERINO, A. J. *Antropologia personalista de Mounier*. op. cit., p.24; COSTA, J. B. *Emmanuel Mounier*. Lisboa: Círculo do Humanismo Cristão, Livraria Morais Editora, 1960, pp. 29,30.

¹⁰⁴ MOIX, C. *O Pensamento de Emmanuel Mounier*. op. cit., p. 122.

¹⁰⁵ Ibid.

¹⁰⁶ MOUNIER, E. *Manifesto ao serviço do personalismo*. op. cit., p. 84.

do humano, não é suscetível de definição rigorosa.¹⁰⁷ No entanto, revela-se através de uma experiência decisiva, inerente à liberdade de cada um, referente à experiência progressiva de uma vida, a vida pessoal.¹⁰⁸

Entretanto, como nos lembra o filósofo, há pessoas que são cegas à pessoa¹⁰⁹, assim como há pessoas que são cegas à pintura ou surdos à música, com a diferença de que são cegos – em certa medida – responsáveis pela própria cegueira, na medida em que a conquista da vida pessoal é uma conquista oferecida a todos, e não uma experiência privilegiada.¹¹⁰

Essa experiência, assim conclui o personalismo, é uma experiência fundamental, já que se trata da afirmação do valor absoluto da pessoa humana. O personalismo quer dizer com isso, que a pessoa é um absoluto em comparação com qualquer outra realidade material ou social e com qualquer outra pessoa humana. Nunca ela pode ser considerada como parte de um todo: família, classe, Estado, nação, humanidade. Nenhuma outra pessoa, nenhuma coletividade, nenhum organismo pode utilizá-la legitimamente como um meio. Salienta então Mounier: “Mesmo Deus, na doutrina cristã, respeita a liberdade da pessoa ao mesmo tempo em que a vivifica”.¹¹¹

Todo o mistério teológico da liberdade assenta nesta dignidade conferida à livre escolha da pessoa. Para o cristão, esta afirmação de valor funda-se na crença de

¹⁰⁷ Segundo o filósofo personalista a pessoa não é exaustivamente apresentada e conhecida apenas através de uma noção tradutora da idéia de natureza humana, mesmo que desta se possa chegar, ainda que dedutivamente, a outras dimensões da vida humana. Tal noção, sendo correlativa a um modo parcial de conhecimento, é definida pelo filósofo como, sobretudo, estática e demasiadamente pobre. Alega Mounier que, não sendo a pessoa um objeto bem circunscrito que se possa facilmente apreender e, sobretudo, sendo o ser humano um ser que é aquilo que ele próprio se faz, uma noção fixista a respeito do ser humano, segundo o filósofo, negligencia os mais ricos elementos constitutivos da pessoa. Aliás, o que Mounier visa com esta declaração, segundo o autor Antônio Joaquim Severino, é o modo propriamente humano da existência. Contudo, a realidade desta existência é um equilíbrio a ser constantemente readquirido, a ser sempre formado durante a experiência da vida, por isso afirma Mounier que, a respeito do ser humano, o que se constrói dificilmente se define estaticamente. Cf. SEVERINO, A. J. *Antropologia personalista de Mounier*. op. cit., pp. 32, 33, 35.

¹⁰⁸ MOUNIER, E. *Manifesto ao serviço do personalismo*. op. cit., p. 84.

¹⁰⁹ A esse respeito podemos verificar a afirmação feita por Mounier no primeiro editorial da revista *Esprit*, no célebre *Refazer o Renascimento*: “O homem concreto é o homem que se dá. Não estou presente a mim próprio se não me dou ao mundo”. Cf. COSTA, J. B. *Emmanuel Mounier*. op. cit., p. 34.

¹¹⁰ MOUNIER, E. *Manifesto ao serviço do personalismo*. op. cit., p. 85.

¹¹¹ *Ibid.*, p. 86.

que o homem é feito à imagem de Deus, desde a sua constituição natural, e que lhe cumpre perfazer essa imagem numa participação cada vez mais estreita na liberdade suprema dos filhos de Deus.¹¹²

Contudo, alerta-nos o filósofo personalista, devemos tomar o cuidado de não defendermos apenas os privilégios do indivíduo. Estes privilégios devem ceder, em inúmeras circunstâncias, a uma certa organização da ordem coletiva.¹¹³

Emmanuel Mounier, quando mencionava a necessária defesa da pessoa, muitas vezes tinha sua defesa confundida com uma forma velada de individualismo. Por isso, fazia questão de distinguir precisamente a pessoa do indivíduo.¹¹⁴

Para o filósofo, há na individualidade uma exigência mais mordente, um instinto de propriedade que é em relação ao domínio de si. Este instinto oferece, como atitude primeira ao indivíduo, o interesse em reivindicar e apossar-se do que significa para ele uma propriedade. Muito diferentemente da pessoa em si, que é domínio e escolha, é generosidade. É, em sua orientação íntima, polarizada precisamente ao contrário do indivíduo.¹¹⁵

Nesta oposição do indivíduo à pessoa, encontramos somente uma bipolaridade, uma tensão dinâmica entre dois movimentos interiores: um de dispersão e o outro de concentração. A pessoa, no humano, está substancialmente encarnada, misturada à sua carne ao mesmo tempo que a transcende.¹¹⁶

¹¹² Ibid., pp. 85,86.

¹¹³ Ibid., p. 86. É o que também destaca Leda Miranda Huhne, na obra *Testemunhas do século XX*: Mounier, Weil e Silone, organizada por Maria Clara Lucchetti Bingemer. Segundo Huhne, o personalismo de Mounier demonstra que a saída para a Boa Nova não está em se colocar, de um lado o indivíduo, e do outro o coletivo. Por isso é preciso ver a pessoa na relação com o outro, onde não se possa fugir do “fogo cruzado”, jogo de contradições, inerente ao homem e à comunidade, exigindo um sair de si para compreender o outro nas suas diferenças e necessidades. No entanto, esta proposta que parece simples se depara com forças da “desordem institucionalizada”, que conduz aos formalismos, reforça os hábitos, amplia a alienação e venda os olhos. Para Mounier, segundo Huhne, ser cristão é ser capaz de chegar ao outro, abrir-se ao outro, seja do oriente, do ocidente, do sul ou do norte. Cf. BINGEMER. M. C. L. (org.). *Testemunhas do século XX*. op. cit., pp. 55,56.

¹¹⁴ MOUNIER, E. *Manifesto ao serviço do personalismo*. op. cit., p. 87

¹¹⁵ Ibid., p. 88

¹¹⁶ Ibid., pp. 88, 90.

No entanto, alerta-nos Mounier, o despertar de uma vida pessoal só é possível – à parte as vias heróicas – a partir de um mínimo de bem-estar e segurança. O mal mais pernicioso que um regime político econômico pode cometer, sustenta o filósofo, é sufocar na maioria dos homens, quer pela miséria ou quaisquer outros elementos, a possibilidade e o próprio gosto de serem pessoas.¹¹⁷

Para o personalismo, o primeiro dever de todo homem – quando milhões de homens são afastados da vocação do homem – não é o de salvar a sua pessoa¹¹⁸, mas o de empenhá-la em toda ação, imediata ou longínqua, que permita a esses proscritos serem de novo colocados perante a sua vocação com um mínimo de liberdade material.¹¹⁹

A vida da pessoa, assim concebida, não é uma separação, uma evasão, uma alienação, um domínio circunscrito, a que viesse apoiar-se de fora à minha atividade. A pessoa é uma presença atuante no volume total do humano e toda a sua atividade leva em consideração essa presença.¹²⁰

O que Emmanuel Mounier concebe como vocação também é interessante para nossa pesquisa. Entende ele que a unificação progressiva de todos os nossos atos e, através deles, das nossas personagens ou dos nossos estados, são os próprios atos da pessoa. Refere-se, não a uma unificação sistemática e abstrata, mas à descoberta progressiva de um princípio espiritual de vida, que não reduz o que integra, mas o salva, o consuma.¹²¹

¹¹⁷ Ibid., p. 89

¹¹⁸ Explicita Mounier: se o homem assim se portar, estará pensando unicamente em qualquer forma de sua individualidade. Cf. Ibid., p. 89.

¹¹⁹ Ibid.

¹²⁰ Ibid., p. 90. Como também destaca Alino Lorenzon: “O despertar comunitário encontrou sua possibilidade de desenvolvimento no começo do século XX, surgindo como uma reação veemente contra o individualismo.” Segundo Lorenzon, foi um grito de alarme contra o domínio da tecnocracia e do gigantismo das grandes cidades. O homem, atormentado em sua comunicação com os outros, o homem da “multidão solitária”, o homem da velocidade e da informática experimentou ao mesmo tempo, uma necessidade fundamental de comunhão e a exigência do reencontro consigo mesmo no silêncio. Assim o ser humano procurou dar um sentido a essa aventura humana, individual e coletiva, por uma participação na obra comum. Para Lorenzon, assim como também para Mounier, pessoa e comunidade estão em reciprocidade de perspectivas, e devem, conseqüentemente, ser estudadas como um par inseparável, para captar e compreender melhor sua força e sua fraqueza. Cf. LORENZON, A. *Atualidade do pensamento de Emmanuel Mounier*. op. cit., pp. 7,8.

¹²¹ MOUNIER, E. *Manifesto ao serviço do personalismo*. op. cit., pp. 92, 93.

Esse princípio vivo e criador é o que chama em cada pessoa de vocação. Esta, não tem como valor primeiro ser singular, pois ao caracterizar o homem de maneira única, o aproxima da humanidade de todos os homens. No entanto, ao mesmo tempo que é unificante, é singular por acréscimo.¹²²

Assim, segundo Mounier, o objetivo da educação¹²³ não deve ser preparar a criança para uma função específica ou moldá-la a uma postura conformista, mas de amadurecê-la, “armá-la” ou “desarmá-la” o melhor possível, para a descoberta dessa vocação que é o seu próprio ser e o centro de reunião das suas responsabilidades de homem.¹²⁴

Os homens devem ser distinguidos uns dos outros pela singularidade das suas vocações incomensuráveis, distinguidos para além de suas características hereditárias, dos seu talentos ou de sua condição, no próprio cerne da sua existência. Assim, levando em conta sua interioridade, a pessoa não deve ser concebida através de nenhuma medida material ou coletiva, já que é sempre uma medida impessoal.¹²⁵

Para Mounier, tendo cada pessoa um preço inestimável e para aqueles que, como ele, são cristãos¹²⁶, existe entre as pessoas uma espécie de equivalência espiritual que interdita, segundo seu critério, para todo o sempre, qualquer uma delas de tomar outras pessoas como um meio, ou classificá-las segundo a hereditariedade, seu papel social, sua condição etc.¹²⁷

¹²² Ibid.

¹²³ Embora, reconheça Mounier, que somente a pessoa encontra a sua vocação e molde o seu destino. Ninguém mais, seja homem, seja coletividade, pode lhe usurpar essa incumbência. Cf. Ibid., p.94.

¹²⁴ Ibid., p. 93.

¹²⁵ Ibid., p. 100.

¹²⁶ João Bénard da Costa nos fala a respeito do ser cristão de Emmanuel Mounier. Segundo ele, não devemos fazer de Mounier a voz da Igreja, mas também não recusá-lo como uma voz na Igreja. Uma voz que, dentro da Igreja e pela Igreja, cresceu, se cumpriu e se perfez. Uma voz que clama, na avaliação de Bénard da Costa, nesse nosso humano deserto e tenta aplanar os caminhos do Senhor. Ainda caracterizando a vocação de Mounier, Bénard da Costa afirma que a esse respeito nada podemos encontrar de melhor do que a estreita vinculação do seu pensamento com a realidade histórica em que se inseria, seu concreto assumir do mundo e do homem de cada dia, seu sempre renovado e pleno compromisso. E tal compromisso radicado na exigência da sua fé de cristão, na renovada compreensão do que – partindo de onde partia – significa o Mistério da Encarnação. Para Bénard, toda sua obra e toda a sua ação têm de ser vistas sob essa luz. Cf. COSTA, J. B. *Emmanuel Mounier*. op. cit., pp. 13,16,19.

¹²⁷ MOUNIER, E. *Manifesto ao serviço do personalismo*. op. cit., p.100.

Por isso, afirma o filósofo, o personalismo é um anti-aristocracismo fundamental. Dessa forma, repele concomitantemente qualquer aristocracismo que não diferencia os homens senão segundo a sua aparência e um democracismo que pretenda ignorar o princípio íntimo de liberdade e singularidade. Para o personalismo, constituem assim duas deformações opostas, na medida em que são duas formas de objetivação da vida pessoal.¹²⁸

Para Mounier, o mundo das relações puramente objetivas, do determinismo e da ciência positiva é, ao mesmo tempo, o mundo mais impessoal, o mais inumano, e o mais afastado possível da existência. A pessoa não encontra nele lugar porque na perspectiva que ele forma da realidade, não leva em conta uma nova dimensão que a pessoa introduz no mundo: a liberdade, a liberdade espiritual.¹²⁹

O social objetivado, exteriorizado, considerado separadamente de uma comunidade de pessoas já não é um valor humano nem espiritual: quando muito, um organismo necessário e em certos momentos perigoso para a integridade do homem. O público corrompe-se quando se opõe ao privado e, em vez de se apoiar nele, o comprime e o recalca. Assim, o termo humanidade não é mais do que uma abstração impensável e nosso amor pela humanidade, segundo o filósofo, um pedantismo, se não testemunharmos o gosto ativo e cordial por pessoas singulares, uma porta aberta a todo estranho.¹³⁰

Comumente, opõe-se muitas vezes pessoa e indivíduo. Corremos então o risco de desligar a pessoa das suas concretas amarras. O movimento de interiorização

¹²⁸ MOUNIER, E. *Manifesto ao serviço do personalismo*. op. cit., pp.100,101.

¹²⁹ *Ibid.*, p. 101. Embora, é preciso destacar, como nos lembra Antônio Joaquim Severino, professor da Faculdade de Educação da USP, para Mounier, a liberdade, maior galardão da transcendência humana, era também uma liberdade condicionada. E, segundo Severino, esse seu condicionamento lhe impunha muita responsabilidade. A ética para Mounier, por exemplo, – sustenta Severino – pressupunha a liberdade, condicionada sem dúvida, mas que fazia a pessoa responsável pelo seu agir. A eticidade da ação se configurava a partir da articulação dialética da vontade e da liberdade, do lado da imanência, com seus condicionamentos existenciais; do lado da transcendência, com a eminente dignidade da pessoa humana, fonte de todos os valores que devem nortear nossas ações. Cf. SEVERINO, A. J. A dignidade da pessoa humana como valor universal: o legado do personalismo de Mounier. In: BINGEMER, M. C. L. (org.). *Testemunhas do século XX*. op. cit., pp. 55,56.

¹³⁰ MOUNIER, E. *Manifesto ao serviço do personalismo*. op. cit., p. 115.

constituído pelo “individualismo” contribui para assegurar a nossa forma. No entanto, a pessoa só cresce na medida em que, sem cessar, se purifica do indivíduo que nela está. Não o conseguirá virando toda a atenção sobre si própria, mas, pelo contrário, tornando-se disponível, e por isso mesmo mais transparente a si própria e aos outros. Tudo se passa como se nos tornássemos então, quando já não estamos “ocupados conosco”, “cheio de nós”, então, e então somente, prontos para os outros, entrados em graça.¹³¹

A primeira preocupação do individualismo é centrar o homem sobre si mesmo, e a primeira preocupação do personalismo é descentrá-lo para permitir que se abra às amplas perspectivas abertas pela pessoa. Como ressalta Mounier em *O personalismo*, o primeiro movimento que na infância revela o ser humano é um movimento para outrem; segundo o que apresenta Mounier, a criança de 6 a 12 meses, saindo da vida vegetativa, descobre-se nos outros, aprende nas atitudes que a visão dos outros lhe ensina. Só mais tarde, alega o filósofo, após cursar seus primeiros anos de vida, virá a primeira vaga de egocentrismo reflexo.¹³²

Ao sair do individualismo encontramos a possibilidade de realizar a pessoa autêntica, que não se encontra senão quando se dá e que nos conduz ao mistério do ser. Nas palavras de Mounier: “Encontramos assim a comunhão inserida no próprio coração da pessoa, integrante da sua própria existência”.¹³³

A pessoa, segundo Mounier, deve ser concebida como uma presença direcionada para os outros, ilimitadamente, através de uma perspectiva de universalidade. Os outros não devem ser concebidos como obstáculos ou limitadores, mas, ao contrário, como possibilitadores de seu crescimento e desenvolvimento. Para Mounier, a existência da pessoa, como autenticamente humana, deve levar em consideração a indispensável relação com o outro para sua completude. Nos lembra o filósofo que a primeira experiência humana da pessoa é com um outro igual, por isso, é de forma inata, expansiva.¹³⁴

¹³¹ MOUNIER, E. *O personalismo*. op. cit., p. 45.

¹³² Ibid.

¹³³ MOUNIER, E. *Manifesto ao serviço do personalismo*. op. cit., pp. 105,106.

¹³⁴ MOUNIER, E. *O personalismo*. op. cit., p. 45.

Assim, explica-nos Mounier, é preciso partir deste fato primitivo. Do mesmo modo que o filósofo que se fecha no próprio pensamento nunca encontrará uma saída para o ser, assim, aquele que se fecha em si mesmo jamais encontrará suas próprias potencialidades oriundas da relação com o outro.¹³⁵ Para o Mounier, “quando a comunicação se enfraquece ou se corrompe, perco-me profundamente eu próprio e torno-me também estranho a mim mesmo, alienado.” Ainda em suas palavras: “Quase se poderia dizer que só existo na medida em que existo para os outros, ou numa frase-limite: ser é amar”.¹³⁶

Os elementos que expusemos acima constituem o próprio personalismo. Expressam a idéia de que o sujeito não se nutre autonomamente, que só possuímos aquilo que damos ou aquilo a que nos damos; que não nos salvamos sozinhos, nem social, nem espiritualmente.¹³⁷

O primeiro ato de uma pessoa, segundo Mounier, deve ser a criação, com outros, de uma sociedade de pessoas, cujas estruturas, costumes, sentimentos e até instituições estejam marcados pela sua natureza de pessoas. Funda-se numa série de atos originais que não têm equivalente em parte alguma do universo. Orienta-nos então o filósofo quanto a esses atos:¹³⁸

- Sair de nós próprios: A pessoa é uma existência capaz de se libertar de si própria, de se desapossar, de se descentrar para tornar-se disponível aos outros. Para a tradição personalista a ascense do despojamento é a ascense central da vida pessoal; somente liberta o mundo e os homens aquele que

¹³⁵Segundo Pedro Dalle Nogare, autor da obra *Humanismos e anti-humanismos*, no que tange à concepção do relacionamento humano, Mounier concebe o olhar do outro como enriquecedor e auxiliador na construção de um nós autêntico. Para Mounier, defende Nogare, não somente é possível, mas necessária a comunicação e comunhão autênticas entre as pessoas; tudo dependendo da disponibilidade ou não do sujeito. Cf. NOGARE, P. D. *Humanismos e anti-humanismos*. op. cit., p. 148.

¹³⁶MOUNIER, E. *O personalismo*. op. cit., pp. 45,46.

¹³⁷Ibid., p. 46. Assim também posiciona-se Pedro Dalle Nogare. Segundo ele, o ser humano, exatamente porque é pessoa, apresenta, além do aspecto social e comunitário, um aspecto único, singular, transcendendo qualquer sociedade, embora não possa dispensá-la. Ele possui uma existência que, se em parte depende do meio social, em sua parte melhor, a alma, depende unicamente de Deus; um chamado que vem diretamente de Deus e de sua consciência: de ser ele mesmo, de realizar-se como pessoa humana. Cf. NOGARE, P. D. *Humanismos e anti-humanismos*. op. cit., p. 151.

¹³⁸MOUNIER, E. *O personalismo*. op. cit., pp. 46-48.

primeiramente se libertou a si próprios. Segundo Mounier, os antigos falavam da luta contra o amor-próprio; o que nós chamamos hoje de egocentrismo, narcisismo e individualismo.

- Compreender: deixar de me colocar sempre no meu próprio ponto de vista, para me situar no ponto de vista dos outros. Não me procurar numa pessoa escolhida e igual a mim, mas captar com a minha singularidade a sua singularidade, numa atitude de acolhimento e num esforço de recolhimento. Ser todo para todos sem deixar de ser e de ser eu.
- Tomar sobre nós, assumir os destinos, os desgostos, as alegrias, as tarefas dos outros, “sofrer na nossa própria carne”.
- Dar: a força viva do ímpeto pessoal está na generosidade e no ato gratuito, na dádiva sem medida e sem esperança de recompensa. A economia da pessoa é uma economia de dádiva, não de compensação ou de cálculo. A generosidade dissolve a opacidade e anula a solidão da pessoa, mesmo quando esta nada recebe em troca. A generosidade, segundo Mounier, é contra a fileira cerrada dos instintos, dos interesses, dos raciocínios; por isso é, em todo o sentido da palavra, perturbante.
- Ser fiel: a aventura da pessoa é uma forte aventura constante desde o nascimento à morte. As dedicações pessoais, o amor, a amizade, só podem ser perfeitas na continuidade. Essa continuidade não é uma exibição, uma repetição uniforme, mas, ao contrário, uma contínua renovação. A fidelidade pessoal é uma fidelidade criadora.

Tratamos o outro como um objeto quando o tratamos como ausente, como um repertório de informações que nos podem ser úteis ou como instrumento à nossa disposição. Tratá-lo como sujeito, como ser presente, é reconhecer que não podemos defini-lo, nem classificá-lo; é reconhecer que ele é inesgotável, pleno de esperanças, esperanças que só ele dispõe.¹³⁹

¹³⁹ Ibid., p. 48.

Por isso, insiste Mounier na tese da generosidade, pois esta é infinitamente fecunda. Segundo ele, é apelo e invocação. Inerente à generosidade encontra-se o amor.¹⁴⁰ Este, quando plenamente realizado, é criador de distinções, na medida em que deve ser reconhecimento e afirmação do outro enquanto outro. Na concepção de Mounier, o amor é uma nova forma de ser, pois dirige-se ao sujeito para além da sua natureza e quer sua realização como pessoa e como liberdade, quaisquer que sejam seus dons ou limitações.¹⁴¹

Libertando aquele que é chamado, o amor liberta e confirma aquele que chama. Por isso, enfatiza Mounier: “O ato de amor é a mais forte certeza do homem, o “cogito” existencial irrefutável”.¹⁴² Afirma ainda o filósofo católico: “amo, logo o ser é, e a vida vale a pena ser vivida”.¹⁴³

Quanto à indispensabilidade da relação interpessoal, Mounier a define como uma provocação recíproca, uma mútua fecundação. O outro me perturba – comenta o filósofo – e introduz a desordem em minhas convicções, meus hábitos, meu sono egocêntrico, e elementos como estes são os mais seguros reveladores de nós mesmos.¹⁴⁴

A organização só é viável para as pessoas e inserida no campo das estruturas de um universo de pessoas. Senão, em vez de libertar o homem, faria nascer um novo estado natural, “reinado das massas”, “reinado da engrenagem” e seus dirigentes, nas mãos dos quais a pessoa fosse simples juguete.¹⁴⁵ O totalitarismo escolheu bem o seu nome, critica o filósofo, pois não se totalitariza um mundo de

¹⁴⁰ Emmanuel Mounier discorda daqueles que dizem que o amor identifica. Defende o filósofo que essa crença só é sustentável no caso da simpatia, das afinidades eletivas, ou de uma ressonância de nós próprios numa pessoa a nós semelhante. Cf. *Ibid.*, p. 48.

¹⁴¹ *Ibid.*, p. 49.

¹⁴² *Ibid.*

¹⁴³ *Ibid.*

¹⁴⁴ *Ibid.*

¹⁴⁵ Em função desse possível juguete, alerta-nos Nogare: “A pessoa deve ser protegida contra todos os abusos do poder, eventualmente com a tutela de um estatuto público da pessoa.” Como estatuto público da pessoa – exemplifica – pode ser considerada a Declaração universal dos direitos humanos promulgada pela ONU em 1948 e ainda a encíclica de João XXIII denominada *Pacem in terris*, de 1963. Cf. NOGARE, P. D. *Humanismos e anti-humanismos*. op. cit., p. 151.

pessoas.¹⁴⁶ Para uma civilização que se baseie em princípios personalistas é necessário despertar pessoas capazes de assumirem posições como pessoas. Se opõe então Mounier a todo regime totalitário, que em vez de preparar progressivamente a pessoa para o uso de sua liberdade e para o sentido de suas responsabilidades, a esteriliza logo na infância vergando a criança ao triste hábito de pensar por delegação, de agir somente segundo a palavra de ordem estabelecida, e de não ter outra ambição que a de estar instalada, tranqüila e considerada num mundo satisfeito.¹⁴⁷

Para o filósofo católico, a educação, oferecendo à pessoa somente o sentido de uma liberdade que ele chama de vazia, a prepara para a indiferença ou para a vivência de um juguete, não para o compromisso responsável e para a fé viva que são a própria respiração da pessoa.¹⁴⁸

A aspiração transcendente da pessoa não dever ser, segundo Mounier, simples agitação, mas, ao contrário, negação de nós próprios como mundo fechado, suficiente, isolado sobre o seu próprio brotar. A pessoa, na avaliação do filósofo, não é o ser em si, é o movimento do ser para o ser.¹⁴⁹

Este movimento, o movimento do ser na direção do outro, para o outro, a serviço do outro, é um dos aspectos centrais que exploraremos no próximo capítulo através da abordagem teológica de Karl Barth. Barth demonstrará que esse movimento deve ser feito à luz de Jesus Cristo – nossa referência humana e divina – para permitir, de fato, uma experiência comunitária salutar e fecunda para a comunidade humana.

¹⁴⁶ MOUNIER, E. *O personalismo*. op. cit., p. 56.

¹⁴⁷ MOUNIER, E. *Manifesto ao serviço do personalismo*. op. cit., pp. 132,133.

¹⁴⁸ *Ibid.*, pp. 136.

¹⁴⁹ Por isso, salienta Mounier: “A pessoa não é um objeto que se separe e se observe, mas um centro de reorientação do universo objetivo. A verdade de cada um só existe quando em união com todos os outros.” Cf. MOUNIER, E. *O personalismo*. op. cit., pp. 25,26,86,87.